

DUALIDADES E APARENTES CONTRADIÇÕES NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Júlia Cristina Willemann Schutz
UFSC / CAPES

RESUMO: A partir da análise dos poemas “Os ombros suportam o mundo”, presente no livro *Sentimento do Mundo* (1940), e “Mas viveremos”, publicado em *A Rosa do Povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, é possível refletir sobre a aparente contradição e dualidade drummondianas, sendo uma problemática não exclusiva de um livro, mas que perpassa muitas de suas obras e demonstra, de certa forma, o amadurecimento da voz do poeta. Ainda, tais poemas, de certa maneira, se espelham não somente por evidenciarem essa suposta contradição, mas também pelo uso de determinadas imagens que revelam um procedimento de mobilização de um eixo temático que alude à possibilidade do “sim” e do “não” simultaneamente por meio da palavra, na poesia. Para além disso, é igualmente possível traçar uma linha do tempo através deles, visto que trazem imagens do passado, do presente e, ainda, do futuro, numa ponderação sobre uma constante passagem.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Carlos Drummond de Andrade; Dualidades.

DUALITIES AND APPARENT CONTRADICTIONS IN CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE’S POETRY

ABSTRACT: From the analysis of the poems “Os ombros suportam o mundo” and “Mas viveremos”, both written by Carlos Drummond de Andrade and published in the books *Sentimento do Mundo* (1940) and *A Rosa do Povo* (1945), respectively, we can contemplate the apparent contradiction and duality in Drummond’s work as a problematic issue in many of his writings, and not only in one of his books. They also demonstrate the evolution of the poet’s voice. Furthermore, these poems may relate not only because of this apparent contradiction, but also because of the use of specific images that reveal a poetic procedure, which mobilizes a thematic pillar and suggests the possibility of a “yes” coexisting with a “no” in poetry. Besides, it is possible to draw a timeline between them, considering that both poems convey images from the past, present, and future, in a constant transition.

KEYWORDS: Poetry; Carlos Drummond de Andrade; Dualities.

Júlia Cristina Willemann Schutz é mestrandanda do Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

DUALIDADES E APARENTES CONTRADIÇÕES NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Júlia Cristina Willemann Schutz

Fruto de leituras e discussões em seminários internos do Núcleo de Estudos Literários & Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre a obra completa de Carlos Drummond de Andrade, este ensaio procura traçar um paralelo entre dois poemas – “Os ombros suportam o mundo”, presente no livro *Sentimento do Mundo* (1940)¹, e “Mas viveremos”, publicado no livro *A Rosa do Povo* (1945)² e colocar em cena, mais uma vez, elementos que à primeira vista se mostram sem propósito na poética de Drummond, mas que quando pensados sob uma ótica de tensões e de uma tradição do poeta se mostram fundamentais.

A partir da análise de ambos os poemas é possível refletir sobre a aparente contradição e dualidade drummondianas, sendo não uma problemática exclusiva de um livro, mas que perpassa muitas de suas obras e demonstra o amadurecimento da voz do poeta. Como se sabe, e assim coloca o professor e crítico Alcides Villaça³, é constitutivo da poética de Drummond a relação do eu com o mundo, numa forte tendência de polarização de imagens e de acolhimento dos antagonismos de nosso tempo.

Para começar a pensar em que momentos os dois poemas se tocam, brevemente destaca-se alguns pontos de “Os ombros suportam o mundo”. Temos já no primeiro verso: “Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.”

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

[...]⁴

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

² Ibidem.

³ VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*, op. cit., p. 74-75.

Ao mesmo tempo que esse verso anuncia a mudança de tempos, chamando a atenção para a transição entre um passado e um futuro – *passagem* –, também desperta para o que há de mudado. “Meu Deus” é exclamação de espanto ou afirmação de fé? Ambos, talvez. Se não é mais dito, é porque não há espanto, não há fé. Mas por que isso mudou? Pode-se indagar. Em seguida temos o tempo da absoluta depuração, em que depurar é uma atividade de limpeza, ato de excluir substâncias indesejáveis, de purificação moral, sublimação. É passar do estado sólido para o gasoso: virar ar... palavra solta, não mais pedra.

E a voz, que opera ao mesmo tempo indagando e respondendo, parece deter toda a verdade desse tempo – ou desses tempos. Nesse sentido, continua afirmando no poema que é um tempo em que não se diz mais “meu amor”, e que esse amor é inútil, ao passo que afirma um estado anestesiado, por meio de um paralelismo com a conjunção aditiva “e”: “e os olhos não choraram, e as mãos tecem apenas o rude trabalho, e o coração está seco”. Além de dizer, parece impossível também sentir.

[...]
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
[...]⁵

Na estrofe seguinte, ainda em “Os ombros suportam o mundo”, o sentimento da inutilidade se reforça quando, em vão, mulheres batem às portas: estão oferecendo ou pedindo? E o quê? É possível indagar novamente, mas não importa. O sujeito não vai abrir a porta, assim como parece ter fechado o coração. Aqui, cabe ressaltar que o poema é de certa forma dirigido, pois se percebe a presença de um “tu”, isto é, o sujeito que se fechou. O ambiente de solidão e isolamento é reforçado com a luz se apagando (“e agora, José?”)⁶ e o sujeito ficando na sombra. É tempo em que as pessoas se fecharam dentro de si. Em meio a essas sombras, o sentimento de anestesia é reiterado: “És todo certeza, já não sabes sofrer.” Por que não se sofre mais?

⁵ Ibidem, p. 74-75.

⁶ Ibidem, p. 95.

[...]
Pouco importa a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.⁷

Mas vem a voz de novo, dizendo que “pouco importa”. Pouco importa a velhice, pouco importa o passar e o pesar dos anos. Os ombros desse sujeito suportam o mundo, tal qual Atlas, condenado a sustentá-lo para sempre. O mundo é grande (“mundo mundo vasto mundo”)⁸ e ele não o sente mais, ou o sente leve, anestesiado, como a delicada mão de uma criança. Nesse verso, fica explícito a dinâmica dual dos conceitos. A possibilidade de assimilar, ao mesmo tempo, isto é, dualmente, tão distintas imagens com seus conceitos se dá nesse espaço da não materialidade. Talvez seja também esse o lugar de descontinuidade, que permite ao sujeito renunciar o previsível e articular suas experiências. É esse espaço curto, visto que se dá por instantes, que se abre ao ato de enunciar, isto é, de sair dos signos para alcançar o semântico, o discurso, sendo esse dual, sendo esse eu drummondiano.

Mais adiante, ainda em “Os ombros suportam o mundo”, fala-se do peso das guerras, das fomes e das discussões dentro dos edifícios; todos esses ambientes como pequenos mundos que o sujeito carrega: coletivos ou individuais. Sentimento coletivo sentido individualmente, o poeta com o seu próprio sentimento do mundo, como o espectador de Walter Benjamin numa sala de cinema, que se depara com novas sensações, novas percepções, novos modos de ver e apreender, muito disso devido ao choque das imagens que não cessam.⁹

Nesse poema, apesar do tom de resignação da voz, não há uma renúncia a toda esperança. Possivelmente, assim como Benjamin, que não percebe tais mudanças provindas da modernidade como “decadências”, mas sim como

⁷ Ibidem, p. 74-75.

⁸ Ibidem, p. 10.

⁹ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

“sintoma das forças produtivas seculares”¹⁰, algo decorrente de processos históricos (historicizados e historicizantes, devido à ação humana do próprio homem que faz a história), Drummond nos aponte somente essa percepção de que algo mudou em nossa maneira de receber e apreender as dinâmicas modernas, sem conter nisso juízos de valor. Assim, a máquina do mundo não para. E já antecipando o mote da leitura do próximo poema, pode-se dizer que, embora todas as barreiras, que não apontam apenas para a noção de dificuldade, mas sim às mudanças, viveremos.

Todos viveremos, mas “nem todos se libertaram ainda”, diz outro verso, ainda de “Os ombros suportam o mundo”. De que liberdade fala essa voz? Quais são as prisões desses homens, suas condições, suas guerras? Os delicados, aqueles que ainda sentem, isto é, que não foram anestesiados pela experiência do mundo moderno, sejam elas coletivas sejam elas individuais, preferem morrer. Mas no verso seguinte, a voz adverte que não adianta morrer, pois a vida é uma ordem, uma imposição. E, então, pergunta-se: Qual é a vida que não para nem para a morte?

Como dito anteriormente, aqui sugere-se uma leitura simultânea dos dois poemas. Percebidos tais aspectos em “Os ombros suportam o mundo”, é possível ler “Mas viveremos” e identificar elementos que reiteram algumas proposições dessa coexistência de conceitos aparentemente contraditórios. Diz-se, já no título de “Mas viveremos”, que viveremos, verbo esse precedido da conjunção adversativa “mas” e que antecipa a existência de adversidades nos versos do poema: “apesar de alguma coisa”. Embora possa-se pensar numa perspectiva de adversidades, é possível entender igualmente esse valor adversativo de “mas” com significação aberta, sugerindo ao mesmo tempo um valor aditivo. Percebido também desse modo, a preposição vai ao encontro do valor ambíguo das “aparentes contradições” em Drummond: viveremos mesmo e apesar dos acontecimentos, mas também viveremos *com* ou *a partir* dos acontecimentos. Assim, o “mas”, pensado ainda como índice aditivo, pressupõe também a continuação de algo. Nesse sentido, pode-se entender que o poema, de certa maneira, começa pelo seu próprio fim, final esse implícito no próprio título.

¹⁰ Idem, O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, op. cit., p. 217.

Mas viveremos

Já não há mãos dadas no mundo.
Elas agora viajarão sozinhas.
Sem o fogo dos velhos contatos,
que ardia por dentro e dava coragem.

Desfeito o abraço que me permitia,
homem da roça, percorrer a estepe,
sentir o negro, dormir a teu lado,
irmão chinês, mexicano ou báltico.

Já não olharei sobre o oceano
para decifrar no céu noturno
uma estrela vermelha, pura e trágica,
e seus raios de glória e de esperança.

Já não distinguirei na voz do vento
(Trabalhadores, uni-vos...) a mensagem
que ensinava a esperar, a combater,
a calar, desprezar e ter amor.
[...]¹¹

No primeiro verso do poema, há a afirmação de que “já não há mãos dadas no mundo”, e nos outros que se seguem, formando a primeira estrofe, vemos acontecer algo muito semelhante ao que se passa na primeira estrofe de “Os ombros suportam o mundo”. O que ocorre é uma noção de deslocamento de tempos, de uma passagem, de um passado que, contendo todas suas experiências, resulta num presente e no vislumbre de um futuro. O que era deixou de ser para ser outra coisa. O velho e o novo. O mundo velho e o mundo novo. O poeta velho e o poeta novo. Vale lembrar que em “Os ombros suportam o mundo” há um verso que diz: “Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?”, de modo a entender a velhice apenas como um sintoma do tempo, de sua passagem. Numa perspectiva formal do poema, a composição “já não há” ou “já não”, presente em ambos os poemas, alude e insiste nessa ideia da passagem do tempo, mas não só dele, visto que sua noção perpassa também noções de sujeito e suas experiências.

[...]
Há mais de vinte anos caminhávamos
sem nos vermos, de longe, disfarçados,

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*, op. cit., p. 182-184.

mas a um grito, no escuro, respondia
outro grito, outro homem, outra certeza.

Muitas vezes julgamos ver a aurora
e sua rosa de fogo à nossa frente.
Era apenas, na noite, uma fogueira.
Voltava a noite, mais noite, mais completa.
[...]¹²

No decorrer de ambos os poemas, a escolha lexical e a disposição dos versos numa sintaxe arquitetada criam campos semânticos e imagens muito característicos. Citando brevemente, apenas para não deixar de considerar tais pontos, tem-se o fogo, estrelas, raios, fogueiras, elementos que queimam ao passo que parecem reavivar, no escuro e no frio, sentimentos de coragem, consolo e glória. A luz e a escuridão, a vida e a morte. Contradições? Talvez não. A luz só faz sentido na escuridão. Não há uma alternância dessas imagens, é um par que só significa estando lado a lado. O sentido do verso está em sua ambivalência. E esse impasse, já percebido por Villaça, torna-se fundamental para a dinâmica drummondiana, que se dá tanto no interior dos poemas como no diálogo entre eles.¹³

[...]
E que dificuldade de falar!
Nem palavras nem códigos: apenas
montanhas e montanhas e montanhas,
oceanos e oceanos e oceanos.

Mas um livro, por baixo do colchão
era súbito um beijo, uma carícia,
uma paz sobre o corpo se alastrando,
e teu retrato, amigo, consolava.

Pois às vezes nem isso. Nada tínhamos
a não ser estas chagas pelas pernas,
este frio, esta ilha, este presídio,
este insulto, este cuspo, esta confiança.

No mar estava escrita uma cidade,
no campo ela crescia, na lagoa,
no pátio negro, em tudo onde pisasse
alguém, se desenhava tua imagem,

¹² Ibidem, p. 182-184.

¹³ VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*, op. cit., p. 57.

teu brilho, tuas pontas, teu império
 e teu sangue e teu bafo e tua pálpebra,
 estrela: cada um te possuía.
 Era inútil queimar-te, cintilavas.
 [...]¹⁴

Em seguida, a voz exclama: “E que dificuldade de falar!” A mesma dificuldade em dizer “meu deus” ou “meu amor” encontrada no primeiro poema se apresenta nesses versos. “Nem palavras nem códigos: apenas / montanhas e montanhas e montanhas, / oceanos e oceanos e oceanos.” A dificuldade em falar é atravessada por obstáculos, representados pelas montanhas e pelos oceanos, terra e mar, assim como pelo acúmulo dessas mesmas imagens. Será um viajante que segue mudo em suas passagens, lembrando mais uma vez Benjamin com o sujeito que perdeu essa capacidade diante do choque dos tempos modernos?¹⁵ “Mas um livro, por baixo do colchão”, continua tal voz, parece confortar: “Era súbito um beijo, uma carícia, / uma paz sobre o corpo se alastrando,”. A impossibilidade da fala (a experiência “muda” da *in-fância* de Agamben¹⁶, que é o espaço do inefável) é superada pelo gesto da escrita. O conforto daquele que viaja, digo, o poeta, está na poesia.

[...]
 Hoje quedamos sós. Em toda a parte,
 somos muitos e sós. Eu, como os outros.
 Já não sei vossos nomes nem vos olho
 na boca, onde a palavra se calou.

Voltamos a viver na solidão,
 temos de agir na linha do gasômetro,
 do bar, da nossa rua: prisioneiros
 de uma cidade estreita e sem ventanas.

Mas viveremos. A dor foi esquecida
 nos combates de rua, entre destroços.
 Toda melancolia dissipou-se
 em sol, em sangue, em vozes de protesto.

¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*, op. cit., p. 182-184.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, op. cit.

¹⁶ AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: Ensaio sobre a destruição da experiência*. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Já não cultivamos amargura
nem sabemos sofrer. Já dominamos
essa matéria escura, já nos vemos
em plena força de homens libertados.

Pouco importa que dedos se desliguem
e não se escrevam cartas nem se façam
sinais da praia ao rubro couraçado.
Ele chegará, ele viaja o mundo.

E ganhará enfim todos os portos,
avião sem bombas entre Natal e China,
petróleo, flores, crianças estudando,
beijo de moça, trigo e sol nascendo.

Ele caminhará nas avenidas,
entrará nas casas, abolirá os mortos.
Ele viaja sempre, esse navio,
essa rosa, esse canto, essa palavra.¹⁷

Esse alguém (todos nós, o poeta?) que agora sozinho está, na décima primeira estrofe de “Mas viveremos”, de novo não sabe nomes nem olha os outros na boca “onde a palavra se calou.” O poema retoma a solidão em que esse alguém se encontra, e na qual também se vê impotente na arte de representar ou expressar. Esse alguém, em “Mas viveremos”, somos todos nós, e somos muitos, dizem outros versos. Somos também um só, na imagem d’Ele, o poeta em desdobramento. É importante lembrar que o poema encena experiências e sensibilidades que foram alteradas a partir do contato com esses novos acontecimentos modernos externos ao sujeito. São essas experiências e sensibilidades as mesmas, ou semelhantes, às que temos em “Os ombros suportam o mundo”.

Assim como pouco importa a velhice, como se não importasse a passagem do tempo, no primeiro poema analisado, “pouco importa que dedos se desliguem”. Outra vez, as mãos e os dedos e o sentido de que a adversidade não é empecilho: é, nesse caso, motivação, principalmente para o poeta. Temos igualmente a boca, os olhos, as mãos; três imagens que ativam sensorialmente o leitor e são alegorias que nunca falham na representação poética, ou melhor, são essenciais, como bem coloca Villaça:

¹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*, op. cit., p. 182-184.

Ritmar emocionalmente os conceitos e encadear imagens num impulso cognitivo, projetando uns sobre outros, é conferir à linguagem o raro estatuto pelo qual a prosa do mundo e a verdade lírica não admitem separar-se, alimentando-se de seu espelhamento dramático.¹⁸

Vivemos na solidão e vivemos no limite, como aludem os versos “temos de agir na linha do gasômetro, / do bar, da nossa rua: prisioneiros / de uma cidade estreita e sem ventanas.” Tais limitações são as do homem moderno. Só, prisioneiro, anestesiado dentro de si. São essas experiências que tornam a fala impossível, que fazem com que não digamos mais “meu Deus” ou “meu amor” – vale notar, ainda, que tais elementos, Deus e amor, estão presentes no plano abstrato, mas que nos poemas evocam a materialidade das coisas, essa esperança possível, de modo a reiterar o aspecto ambivalente drummondiano. Como dito no poema anterior: “nem todos se libertaram ainda”. Embora limitados por condições exteriores, vivemos.

E, na tentativa de responder a pergunta do início: “Qual é a vida que não para nem para a morte?”, é possível apoiar-se nos elementos da última estrofe de “Mas viveremos”: “Ele caminhará nas avenidas, / entrará nas casas, abolirá os mortos. / Ele viaja sempre, esse navio, / essa rosa, esse canto, essa palavra.” Pode-se dizer que a vida que não para frente à morte é a vida que se dá pela experiência da palavra e que se abre à experiência da palavra, nessa constante transição de significar o signo. Não é ingênuo da parte do poeta usar as representações de navio (a viagem), a rosa (elemento central da poesia de Drummond), o canto e a palavra como sinônimos de Poesia. Mas viveremos porque embora nos calemos, nos anestesiemos, tudo isso fruto de uma modernidade contraditória, “Ele”, o poeta, sempre viajará e terá, assim, o que dizer. Na poesia nada se deixa anestésiar, e, mesmo que “muda”, essa experiência existe na materialidade do poema.

Há, assim, a coexistência do pessimismo, analisado dentro da conjuntura de experiências modernas, e do conforto, este um pouco duvidoso, mas presente em imagens que a potência da palavra guarda. Temos vida e morte sendo faces da mesma moeda, um dos efeitos de experiências coletivas (as experiências do/no mundo) e individuais (as experiências do poeta) modernas, contrastivas ao passo que complementares em suas dimensões. Nos diz Villaça que

[...] os valores do indivíduo e os do mundo são injustáveis de saída, e a tarefa das imagens e dos conceitos poéticos estará em ao menos aclarar, no ritmo interno

¹⁸ VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*, op. cit., p. 9.

dos poemas ou na relação entre estes, os polos que constituem uma precisa discordância.¹⁹

Embora seja essa uma visão que sugere oposição, seria mais oportuno pensar em uma convivência desses elementos, e não uma discordância ou alternância. Mais do que superação de tais impasses, são as tensões e a contradição moderna essenciais para os poemas e para o poeta. É uma das formas de traduzir paradoxos do nosso tempo e também é o “[...] curto-circuito essencial do discurso drummondiano [...]”.²⁰

Para concluir e reiterar, tais poemas, de certa maneira, se espelham não somente por evidenciarem essa suposta contradição, repito: *suposta*, mas também no uso de determinadas imagens que revelam um procedimento de mobilização de um eixo temático que alude à possibilidade do “sim” ao lado do “não” por meio da palavra, na poesia. Fazem parte desse procedimento, como exposto de forma breve anteriormente, representações da solidão, da guerra, da morte, da dor e da libertação dos homens e da palavra. Como consequência disso, revela-se a dificuldade em falar, chorar e amar, ao lado da ideia de que, ainda sim, é possível suportar o “peso do mundo” e continuar vivendo, por meio da poesia – poesia que não se faz sobre acontecimentos, como versa o poema “Procura da poesia”, do livro *A rosa do povo*, pois é no próprio reino das palavras que a poesia está, ainda que muda e paralisada.²¹ Para além disso, é igualmente possível traçar uma linha do tempo com os poemas, visto que eles trazem imagens do passado, do presente e, ainda, do futuro, numa ponderação sobre uma constante passagem, não só ela historicizada por fatos externos, como um período contundente de guerras, mas também refletida no eu que enuncia, demonstrando, de alguma maneira, certa transição do poeta em sua consciência histórica e lírica.

¹⁹ VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*, op. cit., p. 8.

²⁰ *Ibidem*, p. 14.

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*, op. cit., p. 104-105.

Recebido em 15 de dezembro de 2017

Aceito em 14 de janeiro de 2018